

TEMPO, UTOPIA E DISTOPIA EM “A GERAÇÃO DA UTOPIA” DE
PEPETELA¹

TIME, UTOPIA AND DYSTOPIA IN “A GERAÇÃO DA UTOPIA” BY
PEPETELA

Nayara Meneguetti Pires²

RESUMO: O presente artigo se propõe a investigar a relação entre a alteração da concepção de tempo empreendida na modernidade e seus reflexos no sentido utópico – encaminhando ao sentimento de distopia – a partir da análise de como *A Geração da Utopia*, de Pepetela, internaliza tais questões.

PALAVRAS-CHAVE: Utopia. Distopia. Tempo. Pepetela.

ABSTRACT: This paper proposes to explore the relationship between the alteration of the concept of time undertaken by modernity and its reflexes in the utopian sense – leading to the feeling of dystopia – through the analysis of how *A Geração da Utopia*, by Pepetela, internalizes such issues.

KEYWORDS: Utopia. Dystopia. Time. Pepetela.

INTRODUÇÃO

“Utopia” é um neologismo formado a partir do latim “ou” – que significa “não” – e “topos” – que significa “lugar”, cunhado por Thomas Morus em 1516 para servir de título à sua obra. Utopia refere-se, portanto, a um não-lugar, inexistente, posicionando no *locus* do imaginário a sociedade perfeita criada por ele nesse livro. Nessas utopias, tudo era possível, mas sempre alhures: sua possibilidade não se localizava no futuro, mas antes no fim do tempo, como o Paraíso da tradição cristã. A etimologia da palavra, entretanto, tornou-se, com o tempo, insuficiente para compreendê-la em seu sentido moderno, tal qual afirma Matei Calinescu em *Five faces of Modernity*: “O conceito de utopia foi baseado, originalmente, numa associação espacial (topos – lugar, u – não, utopia – um não-lugar), mas, hoje, suas implicações temporais possuem muito mais peso do que o que possa ter sido preservado de sua etimologia estrita” (CALINESCU, 1987, p. 62)³. É a partir dessa percepção que Bernard Andrès, professor de letras da Universidade de Québec, ao analisar as utopias quebequenses, chama atenção para as

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Doutoranda do PPGLit/UFSCar (Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de São Carlos), no qual se dedica a questões relativas as fronteiras entre o real e a ficção e à Literatura Portuguesa Contemporânea, especialmente no que concerne o autor português Helder Macedo. E-mail: meneguettipires@gmail.com

³ Tradução livre da autora. No original: “The concept of utopia was originally based on a spatial association (topos -- place, u -- no, utopia -- nowhere), but today its temporal implications far outweigh whatever it may have preserved of its strict etymology.”

constantes mudanças no campo semântico da palavra utopia. Nesse sentido, o século XVIII, o chamado século das “Luzes” – marco da modernidade – é aquele no qual a noção de utopia desloca-se de maneira mais significativa: “Passamos da construção fantasista do universo sem amanhã a projetos racionais de sociedades que não tardarão a se realizarem.” (ANDRÈS, 2001, p. 15).

De fato, esse é um momento da história propício ao surgimento de utopias revestidas desse sentido renovado, tendo em vista que a sociedade moderna ocidental, desde meados do século XVII, já vinha repensando sua maneira de encarar o tempo, visto agora não mais como a repetição do passado – como na idade média – nem orientado para o paraíso – como o via a tradição Cristã. A ideia de perfeição passa a se projetar, neste contexto, dentro do tempo e da história, não mais na eternidade ou num passado arquetípico. De acordo com Luiz Costa Lima (1984), conforme o mundo se seculariza e a cosmologia cristã entra em crise, a verdade se torna mais complexa, plural e dependente dos indivíduos, já que se deixa de acreditar nela como um fato pré-existente. Destarte, “não sendo mais suficiente a ordem cósmica tradicional, religiosamente justificada e teologicamente formulada, ao sujeito individual cabia a descoberta da razão orientadora.” (LIMA, 1984, p. 13). É nesse contexto que o método cartesiano – quatro passos que auxiliam o indivíduo a analisar racionalmente qualquer verdade pré-concebida antes de aceitá-la – base da ciência positivista, assume relevância. Para Matei Calinescu, a poderosa emergência de utopias no sentido moderno não está apenas diretamente ligada ao declínio e crítica da Cristandade – e sua ideia de eternidade –, como é expressão da “desvalorização moderna do passado e da importância crescente do futuro” (CALINESCU, 1987, p. 62)⁴. Como destaca Otavio Paz em *Os filhos do barro*, “A modernidade é sinônimo de crítica e se identifica com a mudança; não é a afirmação de um princípio intemporal, mas o desdobrar da razão crítica que, sem cessar, se interroga, se examina e se destrói para nascer novamente.” (PAZ, 1987, p. 47) A mudança, portanto, é o pilar da ideia moderna de progresso: um tempo orientado para o futuro e convicto na capacidade do racional. Entretanto, o paradigma da mudança encerra em si um paradoxo, pois ao mesmo tempo que incute

⁴ Tradução livre da autora. No original: “modern devaluation of the past and the growing importance of the future.”

nos indivíduos o desejo de superação da ordem do presente⁵, também implica que uma vez que o estado utópico for alcançado, não há outra saída que não repetir todo o processo, numa eterna “tradição da ruptura”. Tal é o posicionamento de Matei Calinescu (1987, p. 65)⁶ e também de Otávio Paz (1984, p. 34) acerca da questão: “A terra prometida da história é uma região inacessível e nisto manifesta-se da maneira mais imediata e dilaceradora a contradição que constitui a modernidade”. O futuro, dentro dessa concepção de tempo, é um tempo que não é. Essa contradição, inerente a própria modernidade, nos leva a problematizar a ideia de utopia que é conseqüência a ela: um projeto que contém, logo ao nascimento, o germen de seu fracasso. Baseada nesse raciocínio, acredito, portanto, que aquilo que Inocência Mata (MATA, 2003, p. 50) chama de revitalização cíclica do sonho, muito presente nas narrativas pós-coloniais, a saber, o processo que vai da utopia que a possibilidade da independência traz à heterotopia, que é a revitalização do sonho pela possibilidade da democracia após longo período de distopia seguido de atopia, seja um processo inevitável. Da utopia a seu inelutável fracasso advém a distopia – a desilusão ocasionada pela consciência do paradoxo que encerra a ideia de utopia moderna: posicionando o ideal em um futuro que jamais chega. Da distopia, à apatia e amarga lucidez da atopia, à heterotopia, por sua vez, faz-se necessário novo salto, que supere o trauma do fracasso incutido pela ideia de tempo como progresso: uma interpolação de tempos fundada no agora que enxergue o passado e o futuro de modo inédito, tal qual Walter Benjamin propõe em seu ensaio *Teses sobre o conceito de História*. Acredito, ainda, ser esse o percurso tomado pela narrativa em *A geração da Utopia* de Pepetela, que se inicia com a paradigmática sentença antecipatória de uma conclusão, incutindo a ideia de que os sonhos tem de, eternamente, se renovar: “Portanto, só os ciclos eram eternos.” (PEPETELA, 2000, p. 11). Neste romance, Pepetela, um dos grandes expoentes da literatura angolana

⁵ Ao qual a crítica moderna se estende, uma vez que o presente “é o produto do passado e busca prolongá-lo” (CALINESCU, 1987, p. 65) (Tradução livre da autora. No original: “is the product of the past, which it attempts to prolong”)

⁶ “Por um lado, o futuro é a única saída do ‘pesadelo da história’, o que, aos olhos do utópico, torna o presente essencialmente podre e intolerável; mas, por outro lado, o futuro – o potador da mudança e da diferença – é suprimido na própria tentativa de perfeição que, por definição, não pode se repetir ad infinitum, negando a concepção de tempo irreversível na qual toda a cultura Ocidental se erigiu.” (Tradução livre da autora. No original: “On the one hand, the future is the only way out of the “nightmare of history,” which in the eyes of the utopist makes the present essentially rotten and intolerable; but on the other hand, the future -- the begetter of change and difference -- is suppressed in the very attainment of perfection, which by definition cannot but repeat itself ad infinitum, negating the irreversible concept of time on which the whole of Western culture has been built.”)

contemporânea, ficcionaliza a história de Angola, explorando as relações entre o passado e presente, a fim de analisar as causas do fracasso de um projeto de nação e oferecer novas perspectivas para se pensar em um futuro diferente e romper com a distopia. Por essa razão, nosso intuito é deslindar o percurso dessa geração cheia de sonhos – utópica – retratada por ele, relacionando os sentimentos de distopia que a acometem quando tais sonhos não se realizam a algo próprio à modernidade e à percepção do fracasso da ideia de progresso e de tempo como linha reta. Nesse sentido, acreditamos que o romance revela uma percepção de tempo mais alinhada à contemporaneidade, no qual o futuro não é um lugar mítico e paradisíaco, no qual os anseios da nação se realizarão, mas sim um processo em constante construção e dependente da compreensão do passado e do presente.

DA CASA AO TEMPLO E DE VOLTA A CASA

Apoiados na perspectiva de mudança, de uma Angola colônia a uma Angola livre da sombra da metrópole portuguesa, toda uma geração se reúne na Casa dos Estudantes do Império (CEI), no início dos anos 1960 em Lisboa, tema ao redor do qual gira o primeiro capítulo de *A geração da Utopia*, de Pepetela, intitulado “A casa”. Tal casa foi gestada pelo regime ditatorial de Antonio Oliveira Salazar na intenção de criar, ali, uma elite intelectual africana consonante com os ideais autoritários lusitanos, porém, ao contrário, tornou-se um centro de resistência política em Lisboa, onde se reuniam estudantes das mais diversas colônias portuguesas em África. *A casa* é, então, o ponto de partida para a reflexão empreendida pelo romance acerca da última metade do século XX em Angola: quais os resultados e reflexos do projeto colocado em ação por essa geração que queria mudar a ordem (colonial) das coisas. A esse capítulo, segue-se *A chana*, que retrata a guerra de independência angolana em 1972, *O polvo* que, com focalização na personagem Aníbal, mostra alguns resultados da independência em 1982, e *O Templo*, uma espécie balanço final que se passa no ano de 1991. Neste primeiro capítulo, paira, ambigualmente, o clima de esperança e de insegurança. Os estudantes, ao mesmo tempo em que se agarram à ideia de uma Angola livre – olhando para esse futuro utópico e inebriados pela concepção de tempo como progresso – tornam-se cegos para as contradições do presente e os perigos que elas representam.

Pela visão de Sara, angolana, branca e dedicada estudante de medicina, é que temos o primeiro contato com o clima de instabilidade política e hostilidade que recai sobre Lisboa com o advento das guerras coloniais em Angola:

Um espesso clima de suspeição se abateu sobre os africanos em Lisboa. Passaram a cochichar quando antes discutiam a altos gritos, sempre com gargalhadas no meio. E a população passou de repente a olhá-los com hostilidade. Não em relação a Sara, que era branca, e portanto considerada à partida uma boa portuguesa. Os negros e mulatos eram quase apontados a dedo, nos cafés, nos cinemas, na rua. Traziam na cara os estigmas que os denunciavam como potenciais terroristas. (PEPETELA, 2000, p. 12)

É por meio dela, também, que vamos conhecer a CEI, os outros personagens que nela circulam – principalmente Malongo, seu namorado e jogador de futebol, Vitor, estudante de medicina, e Aníbal, intelectual e, posteriormente, fugitivo da PIDE – e os principais obstáculos que se interpõem para a concretização do projeto utópico de liberdade da colônia. Na Casa dos Estudantes do Império unia-os o ódio à opressão e à ditadura salazarista, bem como a esperança de independência das colônias. Entretanto, a lógica racista dos portugueses, que depreendia tratamento diverso a africanos brancos – como é o caso de alguns angolanos, como Sara, e moçambicanos – intensifica as cisões que já existiam no interior da Casa. Antes,

As mesas estavam todas ocupadas, aos grupos de quatro. A maioria era de angolanos, todos misturados, brancos, negros e mulatos, estes bem mais numerosos. Os cabo-verdianos, que se misturavam facilmente com os angolanos, eram quase exclusivamente mulatos. Os guineenses e são-tomenses, mais raros, eram negros. Os moçambicanos eram na quase exclusividade brancos. E tinham tendência de se juntar aos grupos. (PEPETELA, 2000, p. 17-18)

Agora, num momento de acirramento dos ânimos, Sara sentia sutilmente que “uma barreira que começava a desenhar-se, algo ainda indefinido afastando as pessoas, tendendo a empurrar alguns brancos angolanos para os grupos de moçambicanos. A raça a contar mais que a origem geográfica?” (PEPETELA, 2000, p. 18) O fato de que, segundo ela, “Em Angola tudo estava a tender para uma guerra racial” e de haver uma “repressão seletiva” (PEPETELA, 2000, p. 18) acaba cindindo não apenas os grupos, mas fazendo com que os estudantes que por ali circulavam tivessem ideias distintas de como conduzir Angola à liberdade. Aníbal, que mais tarde assume o nome guerrilheiro de Sábio, identifica-se ao Movimento pela Libertação de Angola (MPLA) e opõe-se ao

tribalismo e a diferenciação racial: sustenta o ideal comunista de uma sociedade igualitária. “Os comunistas são os únicos que têm uma organização eficaz. Dominam o movimento estudantil e podes ter a certeza que os estudantes não fazem nada sem o seu apoio ou pelo menos o seu aval.” (PEPETELA, 2000, p. 58). Elias, uma personagem secundária, por outro lado, assume uma posição ideológica radicalmente diferente, identificando-se a União das Populações de Angola (UPA):

- Tu não acreditas mesmo que possamos viver todos juntos em Angola um dia, sem injustiças nem desigualdades?
- Com brancos e mulatos não. Eles tenderão sempre a dominar-nos.
- No entanto, os missionários que te formaram e ajudaram são brancos.
- Americanos ou brasileiros, não portugueses. É muito menos portugueses nascidos em Angola, que se sentem com direitos sobre a terra por lá terem sido gerados. Esses são os piores, mesmo se tiveram uma mãe ou uma avó negra. Mãe ou avó que era apenas uma serviçal do branco. Esses transportam em si a supremacia da parte branca sobre a negra, vem desde a nascença.
- Tinham que matar o pai para libertar a mãe.
- É isso mesmo. (PEPETELA, 2000, p. 97)

Tais divergências, evidenciadas antes mesmo da guerra colonial, prenunciam as contradições e embates ideológicos que ocorrerão na sociedade angolana e dentro do próprio MPLA, que após ganhar a guerra se engaja em uma disputa interna por poder – entre os negros do norte, vistos por uns como corruptos e radicais, e os mulatos de outras regiões de Angola – ocasionando o distanciamento do intuito revolucionário e e do sentimento utópico de outrora. O problema do tribalismo no interior da luta, bem como um distanciamento do sentimento utópico do primeiro capítulo, fica mais evidente ainda no capítulo intitulado *A chana*, que chega ao leitor através da perspectiva de Vitor, agora conhecido pelo nome guerrilheiro de Mundial. Nele, o clima geral é de desesperança e abandono, muito diferente do sentimento de esperança impresso pelo primeiro capítulo. Começa a ficar evidente, para a personagem, os problemas que já se impunham desde início, mas que não eram percebidos, uma vez que o olhar estava direcionado a um futuro mítico:

Os velhos e os homens e as mulheres, um pano esfiado nos quadris, transportavam às costas bolas de cera e quindas com resto de fubá. Os homens ainda possuíam um machadinho, com o qual apanhavam o mel na mata. As mulheres levavam as cada vez mais inúteis panelas. A cera essa seu único bem, o capital que iriam vender ao primeiro comerciante da fronteira para resistirem aos meses de fome. As ofensivas inimigas tinham despovoado os kimbos. Os helicópteros despejavam bombas metralhadoras e homens treinados para matar. (PEPETELA, 2000, p. 146)

Tal sentimento parece estar se infiltrando em Vitor, que se revolta com a própria situação enquanto os dirigentes do MPLA estão a agenciar a guerra no conforto europeu:

Maldita guerra! Os que a iniciaram abandonaram-na. Os outros que se arranjem... Caramba, estou a dizer o mesmo que o povo. Mas é verdade, merda. Ninguém o tinha obrigado, se nela participava era por sua vontade. Deixa lá disso, sei bem como é isto de ser voluntário: uma pessoa é obrigada, o que dirão os amigos, o que será do futuro? Voluntariado forçado! A esta obrigação chamamos de consciência política, nome bonito para nos enganarmos. Nuns é para enganarem, os idealistas. Noutros, é para enganarem os outros; são os vivaços. (PEPETELA, 2000, p. 164)

Tais dúvidas culminam no momento simbólico da morte do Mbambi, que Mundial relaciona a Sábio: a ruptura do passado – idealista e coletivo – com o presente – distópico, pois fundado na preocupação individual:

Não, nada tinha importância. O passado fora enterrado na areia da chana e mesmo as promessas e os ideais coletivos. O que importava agora era o que iria encontrar na penugem azulada do futuro, o seu futuro. Ele, Mundial, já estava a salvo, já tinha um futuro. E Sábio? (PEPETELA, 2000, p. 224)

No capítulo seguinte, intitulado *O polvo*, descobrimos que Vitor se tornara ministro de uma Angola que, se por um lado era agora independente, por outro sofria com uma guerra-civil protagonizada pelos mesmos grupos que lutaram para que ela fosse livre. A libertação ocorre, portanto, só em parte, pois as disputas internas, renunciadas já no primeiro capítulo, bem como os interesses individuais e a perda do sentido coletivo, confirmados no segundo, reforçam a simbologia do enterro do passado utópico na figura do Mbambi/Sábio. Tal capítulo tem focalização em Sábio, que se encontra isolado em uma ilha – numa espécie de autoexílio – por não compactuar com os rumos tomados pelo país, completamente avessos aos ideais de igualdade e justiça social defendidos antes da independência. Ali, busca reconectar-se com a ancestralidade e o ensinamento dos mais velhos, não só por meio do cultivo da mangueira que abriga o espírito da antiga companheira Mussole, mas também na tentativa de viver aquilo que eles têm a ensinar “sobre a gestão do tempo, sobre os ritmos da vida.” (PEPETELA, 2000, p. 259) O tempo é o tempo da natureza, e não aquele ditado pelos homens:

O tempo das estações, o tempo das sementeiras, o tempo do nascer do capim tenrinho, o tempo do acasalamento das espécies, o tempo de morrer. Também o amor tem o seu tempo. Só que o homem moderno perdeu essa noção dos ritmos, pensa que os pode modificar impunemente. (PEPETELA, 2000, p. 259)

Seu autoexílio significa, então, uma negação do tempo da modernidade, orientado para o futuro e regido pelo dinheiro, pois a vida simples que levava, vivendo em comunhão com a natureza, repartindo com os vizinhos e rejeitando a maior parte possível das honrarias e privilégios que seu passado militar poderiam lhe oferecer – excetuando-se a pensão alimentar – lhe concediam uma quantidade relativa de liberdade: “Era dono do seu tempo, a única liberdade válida” (PEPETELA, 2000, p. 231) Seu desprezo e decepção pela atual situação de Angola se expressam ao recusar, em seu caminho individual, os ideais nos quais ela agora se baseia. Entretanto, se digo liberdade relativa, é porque a personagem ainda está presa ao remorso do passado, que, na sua solidão, revolve, repisa e tenta compreender. Nesse sentido, o episódio do polvo gigante que o aterroriza desde a infância, o qual deve caçar e matar, pode ser entendido metonimicamente como a história mais ampla do romance: um processo de compreensão das falhas de uma geração a partir da rememoração do passado. Todo o tempo do capítulo se constrói sob a expectativa e se orienta para o evento da caça e morte do polvo, assim como os corações e mentes da geração da utopia se orientavam para o futuro e para a esperança de pôr fim ao colonialismo e construir uma Angola mais justa. Quando o futuro se cumpre, porém, advém a percepção de que a luta era contra “era um polvinho, não o monstro marinho contra o qual combatera.” e que “nunca mais nada seria como antes, ia faltar sempre o polvo. Haveria de continuar a mergulhar, por vezes a entrar na gruta, esperando que ele voltasse. Uma fatalidade se tinha cumprido, mais uma, mas não se sentia orgulhoso” (PEPETELA, 2000, p. 304) De forma análoga, persiste em Sábio o vazio causado pela desilusão do projeto utópico, do qual, agora, com afastamento crítico, é capaz de perceber o fracasso em identificar que o “monstro” perseguido – Portugal – era apenas um dos males que ameaçavam a soberania nacional de Angola.

Em uma fala de Marta, ainda no primeiro capítulo, é possível vislumbrar o atual estado psicológico da personagem:

Se não morrer, o que se enquadra melhor com a sua maneira de ser, vai desiludir-se. A tal revolução que tem à frente não vai ser como ele imagina.

As revoluções são para libertar, e libertam quando têm sucesso. Mas por um instante apenas. No instante a seguir se esgotam. E tornam-se cadáveres putrefactos que os ditos revolucionários carregam às costas a vida toda. (PEPETELA, 2000, p. 245)

O que se torna claro, agora no terceiro capítulo, é como a previsão de Marta se cumpriu compreendendo ambas as possibilidades: a morte e a desilusão. Há a morte simbólica do Aníbal do passado – idealista e otimista – levada a cabo pela desilusão sofrida. “Eu morri e desencantei-me. Os dois caminhos num só.” (PEPETELA, 2000, p. 245) Se, como Marta afirma, as revoluções libertam por um instante apenas, é porque posicionar o ideal no futuro elide o contínuo da história: o tempo segue seu fluxo e não estaciona uma vez atingida a sociedade perfeita. Aníbal, desta forma, ecoa a fala de Marta, agora consciente de que as forças que regem a história se reconfiguram e continuam a se tensionar – e que as utopias estão fora do tempo assim como o Paraíso cristão, tal qual foi anteriormente discutido via Otávio Paz (1984) e Matei Calinescu (1987):

Isso de utopia é verdade. Costumo pensar que a nossa geração se devia chamar a geração da utopia. Tu, eu, o Laurindo, o Vitor antes para só falar dos que conhecestes. Mas tantos outros, vindos antes ou depois, todos nós a um dado momento éramos puros e queríamos fazer uma coisa diferente. Pensávamos que íamos construir uma sociedade justa, sem diferenças, sem privilégios, sem perseguições, uma comunidade de interesse e pensamentos. O paraíso dos cristãos, em suma. A um momento dado, mesmo que muito breve nalguns casos, fomos puros, desinteressados, só pensando no povo e lutando por ele. E depois... Tudo se adulterou, tudo apodreceu, muito antes de se chegar ao poder. Quando as pessoas se aperceberam que mais cedo ou mais tarde era inevitável chegarem ao poder. Cada um começou a preparar as bases de lançamento para este poder, a defender posições particulares, egoístas. A utopia morreu. E hoje cheira mal, como qualquer corpo em putrefação. Dela só resta um discurso vazio. (PEPETELA, 2000, p. 246)

O erro da geração da utopia foi deixar-se cegar pelo sonho e pela visão do futuro sem entender as complexidades do presente, como os reflexos da guerra fria, as contradições internas que prejudicavam o sentimento de coletividade e o ímpeto imperialista, que facilmente engoliram a recém liberta, como bem se vê no último capítulo, intitulado *O templo*. Ali se entrevê como alguns personagens assumiram posições particulares e prepararam “as bases de lançamento” para o poder: Vitor, um mau político e corrupto, Malongo, auxiliado pelo primeiro, lucrando com a facilitação de entrada de capital estrangeiro em Angola por meio de seus contatos da Europa e de seus contatos políticos e Elias fazendo uso da religião para usurpar o dinheiro do povo.

Todas essas constatações parecem, a primeira vista, muito pessimistas, mas, como diz Sara a Aníbal: “Vocês são demasiado negativos em relação a tudo (...) Está bem, houve erros. Mas nem tudo foi mau, como agora se diz.”. De acordo com Michel Lowy (2005), em *Walter Benjamin: alerta de incêndio*, Benjamin opunha ao “‘otimismo sem consciência’, esse ‘otimismo de diletantes’, inspirados na ideia de progresso linear”, o “pessimismo ativo, ‘organizado’, prático, voltado inteiramente para o objetivo de impedir, por todos os meios possíveis, o advento do pior.” (LOWY, 2005, p. 15), pois, de acordo com Benjamin, a História é uma incessante vitória dos vencedores, sendo necessário estar sempre alerta. Em suas teses sobre a história, diz: “Todo aquele que, até hoje, obteve a vitória, marcha junto no cortejo de triunfo que conduz os dominantes de hoje [a marcharem] por cima dos que, hoje, jazem por terra” (BENJAMIN apud LOWY, 2005, p. 70), por isso a importância de escrever a história a contrapelo, já que o historicismo sempre se identifica aos vencedores. O que Benjamin faz é deslocar o interesse do futuro, para o interesse no presente. Por razão dessa mesma consciência que, para Giorgio Agambem (2009, p. 73), ser contemporâneo é também:

aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de citá-la segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência a qual ele não pode responder. É como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse sua sombra sobre o passado, e este, tocado por este fecho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora.

Haroldo de Campos, em *o Arco-íris branco* (1997), apesar de pensar a partir da poesia, reflete sobre essa mudança na concepção de tempo que viemos discutindo e reforça o posicionamento de Agambem (2009). Ao princípio-esperança – otimista – que entrevê “no futuro a realização do presente” (CAMPOS, 1997, p. 265), opõe-se o tempo da agoridade (*Jetztzeit*, segundo Benjamin), da “história plural, que implica uma crítica do futuro e de seus paraísos sistemáticos” bem como “nos incita à apropriação crítica de uma pluralidade de passados” (CAMPOS, 1997, p. 265) Por isso mesmo que *A geração da Utopia* esforça-se para, a partir de uma concepção renovada de tempo fundada no presente, fazer um balanço crítico do passado – histórico e político – de Angola da última metade do século XX e dos paraísos que julgavam estar construindo para seu futuro. Como história a contrapelo: memória que à luz do presente serve de lição, pois mostra os danos de se deixar cegar pelo futuro utópico e não olhar para o passado sob a

perspectiva crítica do presente. Não a toa, o narrador termina dizendo: “Como é óbvio, não pode existir epílogo nem ponto final para uma estória que começa por portanto” (PEPETELA, 2000, p.) O final, não apenas do romance, mas do sonho dos Angolanos, já estava contido no começo, porém, ao mesmo tempo, uma vez aprendida a lição de que “só os ciclos eram eternos.” (PEPETELA, 2000, p. 11), o fim remete a um novo começo. Por esta razão, pode-se concluir que o livro termina em aberto, depositando alguma esperança na próxima geração – Judite e Orlando – deixando claro que esta é uma história que está apenas (re)começando, é cíclica, mas tem a vantagem de contar com a experiência dos que vieram antes. Como sugere Inocência Mata: os sonhos tem que constantemente se revitalizar para continuar investindo na eterna luta dos vencidos contra os vencedores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** Santa Catarina: Argos, 2009.
- ANDRÈS, Bernard. Sobre as utopias quebequenses, das Luzes às Revoluções continentais. In: **A literatura da virada do século: fim das utopias?** São Paulo: Humanitas, 2001.
- CALINESCU, Matei. **Five faces of modernity.** Durham: Duke University Press, 1987.
- CAMPOS, Haroldo. **O arco-íris branco.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.
- MATA, Inocência. A condição pós-colonial das literaturas africanas de língua portuguesa: algumas diferenças e convergências e muitos lugares-comum. In: **Contatos e Ressonâncias.** (Org.) Angela Vaz Leão. Belo Horizonte: PUCMinas, 2003.
- LIMA, Luiz Costa. **O controle do imaginário: razão e imaginação no ocidente.** São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LOWY, Michel. **Walter Benjamin: aviso de incêndio.** São Paulo: Boitempo, 2005.
- PAZ, Otávio. **Os filhos do barro.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- PEPETELA. **A geração da utopia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.